

AS TESES PRÁTICAS DE SPINOZA SEGUNDO DELEUZE: CONSIDERAÇÕES E SEMELHANÇAS EM NIETZSCHE

Claudio de Souza Rocha¹

Resumo: A chave de leitura para composição de nosso texto é a perspectiva de Deleuze sobre Spinoza em seu livro, *Espinosa Filosofia prática*. Obra dividida em seis capítulos, sendo destacado o terceiro capítulo, onde Deleuze tece comentário sobre as correspondências de Spinoza destinada a Blyenbergh, referente à problemática do mal. Entretanto, é no segundo capítulo intitulado “Sobre a diferença da Ética em relação a uma Moral” que tomaremos como chave de leitura e interpretação, para análise do que Deleuze denominou de teses práticas de Spinoza. Teses estas, que suscitaram tantas refutações e perseguições, fazendo com que a filosofia de Spinoza fosse considerada um motivo de escândalo não só para religiosos judeus, católicos ou protestantes, mas também críticos liberais.

Palavras-chave: Spinoza; Deleuze; Nietzsche.

¹Doutorando do DMMDC (UFBA), Prof. Assistente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) E-mail: claudiodrocha@gmail.com

In media vita. –Não!! A vida não me decepcionou! Acho-a, contrariamente, de ano para ano mais rica, mais desejável e mais misteriosa desse quando veio a mim a grande liberadora, a ideia de que a vida podia ser experiência àqueles que procuram saber e não dever, fatalidade, falácia! E o próprio conhecimento: que para outros seja outra coisa, por exemplo, um leito, ou o caminho que leva ao leito de repouso ou ainda um divertimento ou ociosidade – para mim é um mundo de perigos e vitórias, onde os sentimentos heroicos tem seu lugar de danças e de jogos. “A vida é um meio para o conhecimento”- com este princípio no coração pode-se não somente viver com bravura, mas ainda com alegria, rir de alegria! Como se entende de bem viver e rir, se não se entende guerra e vitória?

A gaia ciência, Nietzsche.

1. Denúncia da consciência

As chamadas teses práticas implicam na desvalorização, por parte de Spinoza, da consciência, dos valores e de todas as paixões tristes. Como também evidenciam as três grandes semelhanças entre Spinoza e Nietzsche.² É o próprio Deleuze em entrevista concedida a Magazine littéraire (1995) que afirma que “tudo tendia para grande identidade entre Nietzsche e Spinoza.”³

A primeira destas teses afirma que em Spinoza há uma desvalorização da consciência em proveito do pensamento, ou seja, Spinoza ao indagar o que pode o corpo, propõe instituir aos filósofos, o corpo como um novo modelo.⁴ Para Deleuze, esta provocação de Spinoza sugere uma ignorância a respeito da tradição com relação ao corpo. Algo similar é dito por Nietzsche, “espantamo-nos diante da consciência, mas o que surpreende é acima de tudo o corpo.”⁵ De fato, em Spinoza não encontramos

² “...em cinco pontos capitais de sua doutrina eu me reencontro, este pensador, o mais fora da norma e o mais solitário, me é o mais próximo justamente nestas coisas: ele nega o livre-arbítrio - ; Os fins-; a ordem moral do mundo-; o não-egoísmo-; o mal-; se certamente também as diferenças são enormes, isso se deve à diversidade de época, de cultura, de ciência. In suma: minha solidão, que, como sobre montes muito altos, com frequência provocou-me falta de ar e fez-me o sangue refluir, é ao menos agora dualidade. (Nietzsche, Carta Sobre Espinosa (trad. Homero Santiago), Cadernos Espinosanos, 2007, nº 16.

³ Cadernos Espinosanos, 2007, nº 16.

⁴ “O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém determinou, até agora, o que o corpo...pode ou não pode fazer. E3P2S

⁵ Deleuze, 2002, p. 24.

nenhuma superioridade da alma sobre o corpo. Este, em meados do sec. XVII destituiu a mente (alma) de sua condição de superioridade sobre o corpo. Na Ética spinozista o homem é devolvido a sua condição natural, este é concebido na natureza não mais “como império num império”⁶, mas parte dela. A crítica do filósofo se estende a todos os que escreveram sobre os afetos sem compreender a natureza e a força deles, ao contrário na maioria das vezes trataram como se não fossem coisas naturais, preferindo ridicularizá-los.

Para Deleuze tomar o corpo como modelo significa mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, já o pensamento não ultrapassa menos a consciência que dele temos.⁷ Isto não significa, ainda segundo Deleuze, uma desvalorização do pensamento em relação à extensão, mas uma desvalorização da consciência em relação ao pensamento, ou seja, em Spinoza já há uma descoberta de um inconsciente do pensamento, não menos profundo que o desconhecido do corpo. Isto se dá segundo a leitura de Deleuze, porque a consciência é o lugar de uma ilusão, esta, só recolhe efeitos, ignorando as causas. Ora, para Spinoza o indivíduo é um modo singular de existência, produto dos encontros, nas palavras de Deleuze ele é concebido “pelos afetos de que é capaz”. Diz ele:

Cada leitor de Espinosa sabe que os corpos e as almas não são para ele substâncias e nem sujeitos, mas modos (...) é um poder de afetar e ser afetado, do corpo e do pensamento. Concretamente, se definimos os corpos e os pensamentos como poderes de afetar e de ser afetado, muitas coisas mudam. Definiremos um animal ou um homem não pela sua forma, seus órgãos e suas funções, e tampouco como um sujeito: nós o definiremos pelos afectos de que é capaz.⁸

O indivíduo é uma unidade de composição. De forma que cada indivíduo é um conjunto de composições singulares; podemos chamá-los de diferenciações singulares para marcar a separação e distinção de um indivíduo em relação a outro. Neste processo de composições e decomposições, são os encontros que decidem quando há conveniência ou inconveniência entre os corpos.

Assim, a ordem das causas é uma ordem de composição e decomposição, que afeta toda a natureza, e como nós recolhemos apenas os efeitos dessas composições e decomposições, sentimos alegria quando nos encontramos com um corpo ou ideia que se compõe com o nosso corpo ou mente, quando o inverso acontece sentimos tristeza. Nas palavras de Deleuze, a situação é tal que só recolhemos o que acontece ao nosso corpo ou com nossa alma, ou seja, o efeito de nossos encontros com os corpos e com as ideias. Mas o que é mesmo nossos corpos e alma nesta relação com outros corpos e almas/ideias. Ai está o limite do modo finito que somos, pois na ordem de nosso conhecimento de nossa

⁶ E3, Pref.

⁷ Deleuze, 2002, p. 24.

⁸ Deleuze, 2002, p. 166.

consciência, não podemos saber, devido às condições em que conhecemos as coisas ao tomarmos consciência de nós mesmos. Deleuze, ao comentar as proposições 28 e 29 da segunda parte da *Ética*, afirma que nestas condições estamos condenados a termos apenas ideias inadequadas, confusas e mutiladas, efeitos distintos de sua própria causa. Para o mesmo, ninguém melhor que Spinoza se insurgiu contra a tradição teológica de um adão perfeito e feliz. Ora, o primeiro homem se assemelha as crianças: ignorantes das causas e da natureza, são reduzidas à consciência do acontecimento, portanto condenadas a sofrer os efeitos cuja causa lhe escapa, escravas de qualquer coisa, angustiadas e infelizes. Spinoza no apêndice da primeira parte da *Ética* nos apresenta a forma como a consciência acalma esta angustia, através da tripla ilusão, a saber: ilusão das causas finais (finalidade), ilusão dos decretos livres (liberdade) e ilusão teológica. Ao que Deleuze afirma, que “a consciência é apenas um sonho de olhos abertos”, pois considerando que ela recolhe apenas os efeitos, ela vai suprir sua ignorância invertendo a ordem das coisas. Isto nos faz lembrar a passagem da *Ética*:

É assim que uma criancinha julga apeteer livremente o leite; um rapaz irritado, a vingança; e o medroso, a fuga. Um homem embriagado julga também que é por uma livre decisão da alma que conta aquilo que, mais tarde, em estado de sobriedade, preferia ter calado.⁹

Não tendemos para uma coisa porque a julgamos boa, mas, ao contrário, julgamos que uma coisa é boa porque tendemos para ela.¹⁰ De forma que o objeto que convém à minha natureza determina-me a formar uma totalidade superior que inclui ele a mim.¹¹ O que não me convém compromete minha coesão, podendo até mesmo me levar a morte. Assim, segundo Deleuze, a consciência é transitiva, ela é como um sentimento de passagem de totalidades menos poderosas às mais, ou inversamente, portanto, ela não é propriedade do “Todo”, e nem de qualquer todo em particular, mas apenas um valor informativo, e mais ainda, de uma informação confusa e mutilada. Deleuze finaliza a apresentação dessa primeira tese prática de Spinoza com uma afirmação de Nietzsche estritamente spinozista:

A grande atividade principal é inconsciente; a consciência só aparece habitualmente quando o todo se quer subordinar a um todo superior; ela é antes de tudo a consciência desse todo superior, da realidade exterior ao eu; a consciência nasce em relação ao ser do qual poderíamos ser função, é o meio de nos incorporarmos nele.¹²

2. Desvalorização de todos os valores

⁹ E3P2S

¹⁰ Idem, 3P9S

¹¹ Deleuze, 2002, p. 27.

¹² Nietzsche, apud Deleuze, 2002, p.27.

A segunda desvalorização percebida por Deleuze em Spinoza é de todos os valores e, sobretudo do bem e do mal, em proveito do bom e mau. Spinoza no *TTP* nos lembra de que todos os fenômenos que agrupamos sob a categoria de mal, doenças, morte, são na verdade mau encontro, indigestão, envenenamento, intoxicação, decomposição de relação.¹³ Também no apêndice da primeira parte da *Ética* encontramos:

Chamaram Bem a tudo o que importa ao bem-estar a culto de Deus, e Mal o que é contrário a isto. É que quem não conhece a natureza das coisas nada pode afirmar a respeito delas e somente as imagina e toma a imaginação pelo entendimento, e por isso acredita firmemente que existe ordem nas coisas, ignorante como é da natureza dos seres e de si mesmo.¹⁴

Para Spinoza, só podemos entender as imperfeições se compararmos com outras mais perfeitas, ou que tenha mais essência. Assim, não existe o bem ou mal, mas o bom e mau. O bom existe quando um corpo compõe diretamente a sua relação com o nosso corpo ou parte dele, aumentando nossa potência.¹⁵ Assim, segundo Deleuze, o bom e mau tem dois sentidos; um objetivo, parcial, o que convém a nossa natureza e o que não convém; e um segundo sentido, subjetivo, modal, que qualifica dois modos de existência do homem; neste sentido Deleuze conclui que:

Será dito bom (ou livre, ou razoável, ou forte) aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros, por se unir ao que convém à sua natureza, por compor a sua relação com relações combináveis e, por esse meio, aumentar sua potência... diz-se mau, ou escravo, ou fraco, ou insensato, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer as consequências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência.¹⁶

Sendo assim, a *Ética* de Spinoza, segundo Deleuze, pode ser considerada uma verdadeira tipologia dos modos de existência imanentes em substituição a uma moral relacionada com a existência de valores transcendentos. Desta forma, a oposição bem/mal é substituída pela diferença qualitativa dos modos de existência, o bom/mau. A ilusão dos valores aqui se confunde com a ilusão da consciência. Ora, aquele que ignora a ordem das coisas, das leis, das relações e suas composições se contenta com os efeitos, e, por não compreender, moraliza, numa obediência cega na lei. De forma que a lei moral comprometeu de tal modo a lei da natureza. Conforme Spinoza: “É por analogia que a

¹³ Spinoza, Deleuze, 2002, p. 28.

¹⁴ E1, Apend.

¹⁵ Deleuze, 2002, p. 28.

¹⁶ Deleuze, 2002, p. 29.

palavra lei se encontra aplicada a coisas naturais e, de maneira geral, por lei, entendemos um mandamento...”¹⁷. Deleuze também enfatiza que Nietzsche, ao comentar sobre a química diz ser preciso resguardar-se da palavra lei, pois esta tem um ranço moral.¹⁸

3. Desvalorização de todas as paixões tristes

A última das teses práticas de Spinoza, aqui apresentada pelo viés da compreensão de Deleuze, é a da desvalorização de todas as paixões tristes em proveito da alegria. Aqui a denúncia de Spinoza é, segundo Deleuze, a três espécies de personagens, a saber; o homem das paixões tristes; o homem que explora essas paixões tristes, que precisa delas para estabelecer o seu poder e o homem que se entristece com a condição humana. Ou seja, a trindade moralista, o escravo, o tirano e o padre.¹⁹ São os envergonhados da vida, homens da autodestruição, do culto à morte. O que os une é o ódio à vida, o ressentimento contra a vida.²⁰ Nas palavras de Spinoza, “o ódio e o remorso, eis os dois inimigos fundadores do gênero humano”²¹. Ou seja, todas as maneiras de humilhar a vida, tem suas origens no ressentimento e na má consciência, no ódio e na culpabilidade. Portanto, antes mesmo de Nietzsche, Spinoza denuncia todas as falsificações da vida, todos os valores em nome dos quais depreciamos a vida. Tanto na maneira de viver como na de pensar, o que Spinoza oferece é uma filosofia afirmativa. Para ele a vida não é uma ideia ou “uma questão de teoria”, mas uma maneira de ser. Mesmo em um mundo em que o culto à morte predomina, ele tem bastante confiança na potência de vida. Sua “filosofia da vida” consiste em denunciar tudo o que nos separa da vida, ou seja, todos os valores transcendentais, que vinculados às ilusões da consciência, se orientam contra a vida. Para Deleuze,

A Ética de Spinoza traça o retrato do homem do ressentimento, para quem qualquer tipo de felicidade é uma ofensa, e faz da miséria ou da impotência sua única paixão.²²

Considerações finais

As três teses práticas de Spinoza aqui apresentada nos leva, segundo Deleuze, ao tríplice problema prático da Ética²³: “Como alcançar um máximo de paixões alegres”, se

¹⁷ Spinoza *apud* Deleuze, 2002, p. 12.

¹⁸ Deleuze, 2002, p. 12.

¹⁹ Idem, 2002, p. 31

²⁰ Idem, 2002, p. 31

²¹ Spinoza *apud* Deleuze, 2002, p. 19.

²² Deleuze, 2002, p. 32.

²³ Idem, p.34.

o nosso lugar na Natureza parece condenar-nos aos maus encontros e às tristezas? “Como conseguir formar ideias adequadas”, quando a nossa condição natural precisamente parece condenar-nos a ter de nós e das coisas ideias inadequadas? E “como chegar a ser consciente de si mesmo, de Deus e das coisas”, quando a nossa consciência parece ser inseparável de ilusões? Entretanto, como Nietzsche, Spinoza não fica só a denunciar tudo que nos separa da vida, apesar das dificuldades e impedimentos para se afirmar a vida, é preciso agir, buscar o sumo bem²⁴ se aproximar da beatitude da ação; viver cada dia sem temor e esperança. Nas palavras de Nietzsche “*Amor fati*”²⁵ amor ao destino, que é seu próprio corpo, sua própria vida. A “política da grande saúde”, diz o filósofo da martelada, é o novo caminho para afirmar a vida, o que segundo Souza (2009) implica em novas perspectivas e interpretações de mundo, além de boas relações com o corpo, um dizer sim à vida, como ela é, uma verdadeira “transvaloração de todos os valores”. Para além das diferenças, estes dois afirmadores da vida nos provocam para que vivamos cada instante, cada dia, com toda intensidade que possamos fazê-lo. Para Spinoza é nas relações que a vida se compõe, num fluxo de desenvolvimento constante, onde a forma que cada “individualidade de vida” constitui uma relação complexa, nas palavras de Deleuze, “uma composição de velocidades e de lentidões num plano de imanência.” Complementa este grande leitor de Spinoza,

Não é apenas uma questão de música, mas de maneira de viver: é pela velocidade e lentidão que a gente desliza entre as coisas, que a gente se conjuga com outra coisa: a gente nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos (Deleuze. 2002, p.25).

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. **Espinoza – Filosofia prática**. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

NIETZSCHE, A gaia ciência. Livro IV. & 276. Trad. Paulo César de Souza. 2001, p. 187-188.

NIETZSCHE, Carta Sobre Espinoza (trad. Homero Santiago), **Cadernos Espinosanos**, 2007, nº 16.

²⁴Para Spinoza o Sumo Bem “...é chegar ao ponto de gozar com outros indivíduos, se possível dessa natureza...a saber, o conhecimento da união que a mente tem com toda a Natureza. (Spinoza, Tratado da Correção do Intelecto, 1991, p. 45)

²⁵Para o Ano Novo, - Eu ainda vivo, eu ainda penso: ainda tenho de viver, pois ainda tenho de pensar...Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas; -assim me tornarei um daqueles que fazer belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém diz sim! (Nietzsche *apud* Souza, 2009, p.28)

SOUZA, Mauro Araujo de. **Nietzsche: viver intensamente, tornar o que se é.** São Paulo: Paulus, 2009.

SPINOZA, B. **Ética.** Edição bilíngue Latim-Português. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 3 Ed. - Belo Horizonte. Autentica Editora, 2010.

_____. **Tratado Teológico-Político.** Tradução e Introdução e Notas de Diogo Pires Aurélio. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética.** Seleção de textos Marilena de Souza Chauí; tradução Marilena de Souza Chauí...[et al.] São Paulo: Nova Cultural, 1991.